



## AVALIAÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO EM UNIVERSITÁRIOS

**Igor Scudellari Franco<sup>1</sup>, Marcel Pereira Rangel<sup>2</sup>; Sidney Edson Mella Junior<sup>3</sup>**

**RESUMO:** Automedicação é uma forma comum de auto-atenção à saúde, consistindo no consumo de um produto com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou doenças percebidos, ou mesmo de promover a saúde, independentemente da prescrição profissional, sendo um fenômeno bastante discutido na cultura médico-farmacêutica. Atualmente a morbimortalidade relacionada a medicamentos é um relevante problema de saúde pública e um determinante de internações hospitalares. O consumo de medicamentos pode ser considerado um indicador indireto de qualidade dos serviços de saúde, sendo que crianças e adolescentes representam um grupo fortemente predisposto ao uso irracional de medicamentos com e sem controle médico. O objetivo deste trabalho é caracterizar o uso de medicamentos sem prescrição médica entre universitários de um Centro de Ensino Superior. Foi selecionada uma amostra aleatória simples de 375 universitários em diferentes cursos. A coleta de dados foi feita através de aplicação de um questionário em sala de aula. Para análise estatística, foram utilizados: teste de Qui-Quadrado. Dos entrevistados, 92% realizaram automedicação. Cefaléia (86%) foi a principal queixa motivadora de automedicação. Dentre os analgésicos a Dipirona foi a droga mais utilizada (73%). O antiinflamatório Cataflan® com 86,65% foi o mais consumido. Dos fármacos utilizados na automedicação, 89,65% foram indicados por terceiros e 44,75% dessas indicações eram prescrições médicas emitidas em consultas anteriores. Os resultados demonstrados reforçam a necessidade de uma política pública para definição da intervenção de estratégias para promoção da saúde. A automedicação tem tudo para se tornar uma aliada na prática da saúde, mas isto depende de um esforço mútuo e responsável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Medicamentos sem Prescrição, Universitários, Instituições de Ensino Superior.

### 1 INTRODUÇÃO

A automedicação é um fenômeno bastante discutido na cultura médico-farmacêutica, e tido como especialmente preocupante no Brasil (ARRAIS; COELHO; BATISTA; CARVALHO; RIGHI e ARNAU, 1997). A automedicação é potencialmente nociva à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inócuo ao organismo. O uso indevido de substâncias e até mesmo drogas consideradas "banais" pela população, como os analgésicos, pode acarretar diversas conseqüências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, sintomas de retirada e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias (VILARINO; SOARES; SILVEIRA; RODELM BORTOLI e LEMOS, 1998).

Segundo a OMS (WHO, 1998), automedicação é a seleção e o uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças auto-diagnosticadas ou sintomas e deve ser entendida como um dos elementos do auto-cuidado. Já para Zanini (1988), a automedicação é uma forma comum de auto-atenção à saúde, consistindo no consumo

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso Farmácia. Departamento de Farmácia Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. igorscudellari@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso Farmácia. Departamento de Farmácia Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – Cesumar. morchell@hotmail.com

<sup>3</sup> Docentes do CESUMAR. Departamento de Farmácia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. mella@cesumar.br

de um produto com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou doenças percebidos, ou mesmo de promover a saúde, independentemente da prescrição profissional.

No entanto, a utilização inadequada de medicamentos pode tornar difícil a detecção de doenças, pois as complicações são verificadas em longo prazo, fazendo com que não se percebam efeitos indesejáveis que a automedicação pode acarretar como, agravos e mascaramento de doenças, interação medicamentosa e intoxicações (ZANINI, 1988)

Fatores econômicos, políticos e culturais têm contribuído para o crescimento e a difusão da automedicação no mundo, tornando-a um problema de Saúde Pública. Mais disponibilidade de produtos no mercado gera maior familiaridade do usuário leigo com os medicamentos (LOYOLA; UCHOA; GUERRA; FIRMO; LIMA-COSTA, 2002). Tais fatores se relacionam, dentre outros, a uma grande disponibilidade de produtos; qualidade da assistência à saúde; dificuldade de acesso aos serviços de saúde em países mais pobres (CARVALHO, PASCOS, SOUZA-JUNIOR, DAMACENA, SZWARCOWALD, 2003).

Portanto o farmacêutico deve ser o agente promotor da saúde na hora da dispensação dos medicamentos, implementando os conceitos fundamentais da atenção farmacêutica. Isto é bem descrito e defendido por Santos (2005) que tem uma visão bem definida do farmacêutico, que defende a partir de um novo cenário mundial, onde diversos países buscam novos sistemas de saúde e novos modelos de atenção, o farmacêutico tem inúmeras contribuições além dos papéis básicos a se desempenhar em uma farmácia, como: promoção da saúde, prevenção de doenças, atenção primária à saúde, educação em saúde, informações farmacológicas. Confirmando esta idéia.

Justifica-se, portanto, nova investigação sobre a prevalência da automedicação em população universitária, com ênfase nas motivações que levam o indivíduo a automedicar-se e na averiguação de seu posicionamento frente ao sistema tradicional de terapêutica.

Assim o objetivo do trabalho é caracterizar o uso de medicamentos sem prescrição médica entre universitários em um Centro de Ensino Superior.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Os sujeitos da pesquisa foram universitários efetivamente matriculados em um Centro Universitário do município de Maringá.

Foram incluídos no presente estudo, os sujeitos que estavam cursando normalmente algum dos cursos relacionados a seguir: Ciências Humanas (Administração, Direito, Psicologia, Teologia, Pedagogia, Publicidade e Propaganda, Serviço Social e Gestão de Recursos Humanos), Ciências da Saúde (Farmácia, Fisioterapia, Odontologia, Fonoaudiologia, Nutrição, Enfermagem, Educação Física, Biomedicina), Ciências Exatas (Automação Industrial, Engenharia Mecatrônica, Processamento de Dados, Redes de Computadores, Sistemas de Informação e Web Design); os universitários foram orientados a assinar um termo de consentimento livre esclarecido e responder corretamente ao questionário, para que os dados fossem validados.

Dentre as áreas abordadas tem-se 22 cursos de graduação, destes 16 foram abordados de forma ocasional para se obter o "n" de 375 universitários, calculando uma amostra probabilística admitindo um intervalo de confiança de 95% e uma margem de erro de 5%,

O projeto foi submetido ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa do CESUMAR (COPEC) que emitiu parecer favorável a realização da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada no período compreendido entre Julho e Setembro de 2008, através de um questionário de autopreenchimento, probabilístico, que continha

questões sobre o perfil dos universitários. Os estudantes foram convidados a responder os questionários anonimamente.

A partir dos dados obtidos se fez a confecção da análise estatística pelo método Qui-Quadrado, avaliando a prevalência do uso de medicamentos sem prescrição médica evidenciando a automedicação entre os acadêmicos, bem como as características desses usuários tais como faixa etária, renda familiar, área de atuação do participante, entre outras.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise estatística chegou-se a conclusão de que 92% dos entrevistados já haviam feito uso da automedicação, os resultados obtidos se encontram na Fig. 01.

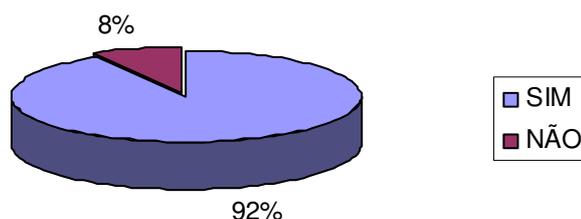


Figura 1 – Frequência da automedicação na população pesquisada

Os resultados apresentados se enquadram nos valores destacados em Menezes et al. (2004) em que o mesmo afirma que nos últimos anos a automedicação vem aumentando consideravelmente, e que em estudos realizados na Europa e nos Estados Unidos revelam que dois terços de suas populações são tratadas inicialmente com a automedicação e que somente um terço consulta o médico.

Assim foi possível observar que em todos os cursos independentes da área de conhecimento e do ano em questão do curso, o resultado da prática da automedicação foi significativo.

Os resultados apontam que apesar da automedicação na população em questão ser uma prática comum, 84,3% dos indivíduos se aconselhou com o farmacêutico ou balconista para realizar a compra da medicação.

Ficou constatado que o meio em que a pessoa vive pode influenciar na hora da escolha do medicamento. Nos universitários 89,65% se utilizaram de conselhos de vizinhos, parentes, amigos ou outras pessoas na hora da compra ou escolha dos medicamentos.

A seguir na tabela 01, descreve-se a automedicação a partir de receitas antigas.

Tabela 1. Frequência dos alunos que já utilizaram receituário antigo para tratamento de algum sintoma, e se essas receitas eram suas ou de outras pessoas.

Questões		Respostas	
		Sim (%)	Não(%)
<b>Já se baseou em receitas médicas antigas para a compra de medicamentos?</b>		154 (44,75%)	190 (55,25%)
<b>Em caso de afirmativo, essas receitas antigas eram:</b>		Suas 141 (91,55%)	
		De outras pessoas 13 (8,45%)	

Foi constatado que do número total de entrevistados 44,75% se utilizam de receituários antigos para se fazer uso de medicamentos, e destes 91,55% utilizam

receitas próprias e 8,45% utilizam receitas de outras pessoas para utilização de medicamentos.

No presente trabalho ficou constatado que 70,05% dos universitários fazem uso de analgésicos como forma de automedicação. Na fig. 02, foi analisado qual dos antipiréticos e analgésicos eram mais utilizados, constatando que o maior índice de uso foi do composto dipirona e sua associação Neosaldina® (73%) seguido por paracetamol (Tylenol®) (72%) e AAS® (64%). Também foram relacionados outros medicamentos não disponíveis no questionário (1%).

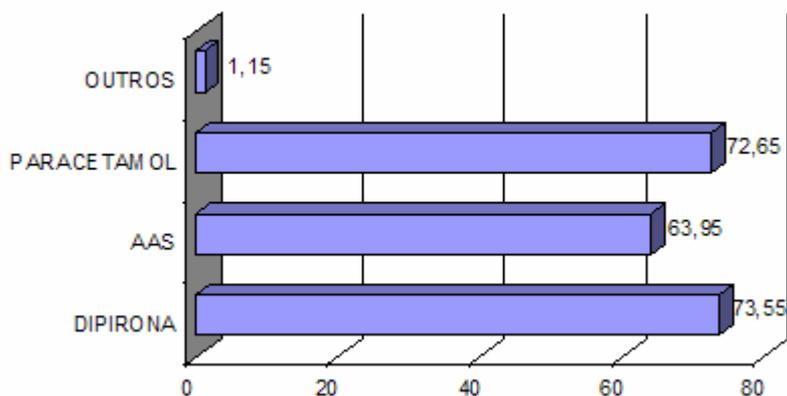


Figura 2 – Frequência dos analgésicos e antipiréticos na população pesquisada

A pesquisa aponta que 64,25% dos indivíduos fazem uso de antiinflamatórios como forma de automedicação índices demonstrados na fig. 03. Dentre os diversos tipos de antiinflamatórios foram selecionados o Diclofenaco de potássio (Cataflan®) e o Diclofenaco de sódio (Voltaren®), com índices de 86,65% dos universitários realizando o seu uso. Em seguida veio o Nimesulida (Scaflan®) com 41,85% dos indivíduos e pouco mais que 2% se fazem uso de outros antiinflamatórios sem receituário médico.

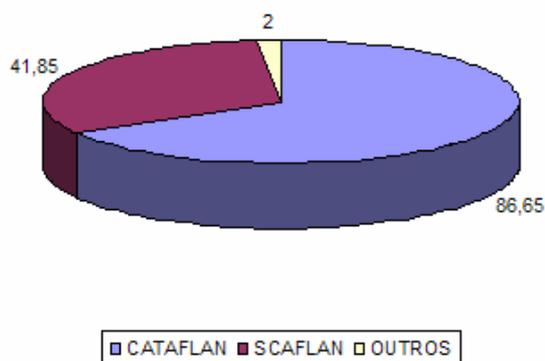


Figura 3 – Frequência dos antiinflamatórios na população pesquisada

Dor de Cabeça (86%), Resfriado / Gripe (79,65%), Febre (67,55%) e Infecção de Garganta (54,35%) foram os problemas mais relatados que justificariam a automedicação.

#### 4 CONCLUSÃO

O ato de se medicar não pode ser totalmente condenado, isto porque seria inviável socioeconomicamente o atendimento por um médico para solução de todos os sintomas da população. É impossível frear a prática, assim, temos que nos adaptar a automedicação. Utilizando os benefícios da mesma, como a facilidade ao uso de medicamentos junto com a orientação adequada da posologia, haveria uma maior promoção da saúde, sem que

houvesse riscos ao paciente. Mas para isso acontecer, os profissionais da saúde em especial o farmacêutico deve assumir o papel que lhe cabe na promoção de saúde. Este deve orientar de forma concisa e ética as pessoas da melhor maneira possível para se tomar o medicamento. A população também necessita se conscientizar de que os medicamentos são para uso de uma pessoa em especial e não se pode repassá-los a outras pessoas, pois isto pode gerar efeitos indesejáveis.

Assim os resultados demonstrados reforçam a necessidade de uma política pública para definição da intervenção de estratégias para promoção da saúde na população universitária.

## REFERÊNCIAS

ARRAIS, P.S.D.; COELHO, H.L.L.; BASTISTA, M.C.D.S.; CARVALHO, M.L.; RIGHI, R. E.; ARNAU, J.M. **Perfil da automedicação no Brasil**. *Rev. Saúde Pública*, Fev, vol. 31, n.1, pp.071-077, 1997.

CARVALHO, M. F.; PASCOS, A. R. P. P.; SOUZA-JÚNIOR, P. R. B.; DAMACENA, G. N.; SZWARCOWALD, C. L.. **Utilization of medicines by the Brazilian population**, 2003. *Cad. Saúde Pública*, vol. 21, suppl.1, pp.100-108, 2005.

LOYOLA, A. I. F.; UCHOA, E.; GUERRA, H. L.; FIRMO, J. F.; LIMA-COSTA, M. F. **Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí**. *Rev. Saúde Pública*, Fev, vol. 36, n.1, pp.055-062, 2002.

MENEZES, E. A.; OLIVEIRA, M. S.; CUNHA, F. A.; PINHEIRO, F. G.; BEZERRA, B. P. Automedicação com antimicrobianos para o tratamento de infecções urinárias em um estabelecimento farmacêutico de Fortaleza (CE). **Infarma**, Brasília, vol. 16, pp. 056-059, 2004.

SANTOS, A, M. Desafios e oportunidades do farmacêutico na promoção da saúde. **Infarma**, vol.17, n.5/6, 2005.

VILARINO, J. F.; SOARES, I. C.; SILVEIRA, C. M.; RÖDEL, A. P. P.; BORTOLI, R.; LEMOS, R. R. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Rev. Saúde Pública**, Fev, vol. 32, n.1, pp.043-049, 1998.

WHO. **The role of the pharmacist in self-medication and self-care**. Genebra: WHO; 15p. [WHO/DAP/09.13], 1998.

ZANINI, P. L. G. Automedicação no Brasil. **Rev. Assoc Med Brás**, vol. 34, pp.069-075, 1988.